

OPPENHEIMER

O drama de Robert Oppenheimer é menos d'ele mesmo que dos Estados Unidos. Esse homem de 50 anos está tranqüilo: foi ele quem veio a público dizer de que era acusado, e se defender. O drama dos Estados Unidos; o drama tremendo e fundamental dos Estados Unidos, é sua incapacidade de confiar no que ele tem de melhor. O medo é irracional. O Júlio Cesar de Shakespeare dizia não conhecer o medo: "os covardes morrem muitas vezes antes da hora da morte; o valente prova o gosto da morte apenas uma vez; de todas as extravagâncias que já ouvi contar a que me parece mais estranha, é que homens tenham medo, sabendo que a morte, um fim necessário, virá quando vier".

Havia alguma coisa, entretanto, que ele reconhecia que deveria temer, se fôsse homem capaz de tal emoção: eram os homens como Casca. Achava Casca muito magro; preferia viver cercado de homens gordos: "he thinks too much; such men are dangerous". Este é o mal de Casca, pensar e ler: "he reads much; he is a great observer".

Esse temor à inteligência é uma fatalidade de todo o cesarismo. Robert Oppenheimer e os homens de seu tipo são ao mesmo tempo indispensáveis e perigosos. Para a arte militar de Cesar bastava a sua própria inteligência, aquela tática fabulosa, toda de manha e velocidade, que ele confessa em seu grande livro. Para o Cesar de hoje — e Cesar neste caso não é um homem, é um grupo dominante que exprime da maneira mais perfeita as aspirações e contradições de uma classe — a inteligência profissional é necessária — e é perigosa.

O mais estúpido pequeno burguês norte-americano se sentiria em perigo se amanhã homens como Oppenheimer e Einstein emigrassem; são homens que se dedicaram à espantosa profissão de pensar. Eles estudam, analisam, observam, experimentam, pensam. São pessoas da mais alta utilidade pública; são instrumentos absolutamente insubstituíveis indispensáveis ao progresso do país e à segurança de todos. Mas eis o que é terrível: não é possível controlar o que se passa dentro do cérebro de um homem assim: "he thinks too much..."

Muitos dos homens que deram ao Estados Unidos a bomba atômica e uma infinidade de outras armas e vantagens, foram homens que vieram banidos da Europa pelo crime da inteligência. Foram os judeus, os perseguidos e os inconformados de todos os tipos, os inquietos, os perigosos. Dentro das Universidades norte-americanas eles se sentiram à vontade: o clima era de liberdade de pensamento, de crítica, de pesquisa — de respeito, antes de tudo e acima de tudo à verdade. Hoje o clima é diferente. Esse sistema de medo e de estreiteza mental que torna indesejável na grande Nação um obscuro e inermes Braga, só porque tem o costume de dizer, sempre que pode, e até mesmo às vezes quando não pode, o que lhe dá na telha, ou esse língua solta que é o nosso José Lins do Régio — que drama não será para esse sistema entregar os supremos segredos da segurança nacional não a velhos e aguerridos generais com avós entre os pioneiros de Jamestown, mas a intelectuais, a professores a essa gente estranha que lê tanta coisa além da Bíblia e de Seleções, e alguns ainda por cima estrangeiros ou filhos de estrangeiros...

Medita-se um pouco sobre a repercussão do caso Oppenheimer entre os cientistas mais moços das universidades e dos institutos de pesquisa dos Estados Unidos e da Europa: e então se verá que o problema realmente grave não é o governo ter confiança ou não nos Oppenheimers; o problema é saber se doravante o governo conseguirá inspirar ou não confiança aos Oppenheimers. Porque ele é que precisa d'eles.

16/4/54 R. B.